

A tara secreta



Por **RUBENS FIGUEIREDO***

Sobre a exclusão do romance “Almas mortas”, do acervo da Fundação Palmares.

Recentemente, a Fundação Palmares, órgão federal, situado em Brasília e destinado a combater o racismo, excluiu de sua biblioteca mais de cinco mil livros. Entre eles, figura uma obra intitulada *Almas mortas*, traduzida por mim. Achei oportuno apresentar um breve questionamento sobre os motivos dessa rejeição.

O romance *Almas mortas*, escrito por Nikolai Gógol (1809-1852), foi publicado em 1842, na Rússia. De forma cômica, crítica e realista, trata do regime da servidão, que vigorava na Rússia tsarista e em vários países do mundo, naquela época, e que, em parte, se assemelha ao regime da escravidão de negros africanos, que vigorava, por exemplo, no Brasil e nos Estados Unidos. Por sua temática, o livro teria particular interesse para uma instituição que porta um nome consagrado à luta e à resistência dos povos escravizados: o Quilombo dos Palmares.

Ressalte-se, além disso, que o romance *Almas mortas* está traduzido e publicado, talvez, em todo o planeta. Trata-se de um consagrado clássico da literatura mundial e constitui uma herança histórica e cultural da humanidade. Para nos mantermos na esfera estritamente protocolar.

Portanto, como entender a exclusão dessa obra da biblioteca da Fundação Palmares? Posso apenas especular que decorre do fato de se tratar de um livro russo. Pois, no tempo da ditadura militar e civil, anterior à atual, coisas desse tipo eram comuns. Nem eram necessários argumentos. Porém, agora, há um agravante: em nosso tempo, contra os russos, em geral, vigora um preconceito em boa parte semelhante ao que existia contra os judeus, no fim do século 19 e início do século 20. Lembremo-nos da antiga polêmica dos “Protocolos de Sião”, entre outras. Para mim, parece algo como os “hackers russos” e a infinita série de conspirações e envenenamentos, jamais provados.

No entanto, posso cogitar outro motivo. Costumamos associar a escravidão, e a servidão, a uma ordem social arcaica, de características feudais, alheia à nossa época moderna e democrática. Porém, ao observarmos a “modernização” das leis trabalhistas implementadas no Brasil e em muitos países, a uberização, os contratos temporários etc., podemos até pensar que a escravidão e a servidão, com nova feição e vocabulário moderno (de preferência, em inglês), constituem uma espécie de desejo recalcado, uma espécie de tara secreta, da ordem capitalista, democrática, liberal. Afinal, mesmo mortas, as almas podem ser vendidas e hipotecadas, com boa taxa de lucro. Como nos mostra Nikolai Gógol.

***Rubens Figueiredo**, escritor e tradutor, é autor de *O livro dos lobos* (Companhia das Letras).